

INTRODUÇÃO

Patrícia Teixeira

patriciaoliveirateixeira@gmail.com

As sociedades contemporâneas vivem hoje centradas no presente e parecem dispensar a memória. O acelerado e constante desenvolvimento de novas tecnologias de informação e de comunicação com que somos confrontados no dia-a-dia, tende a aprofundar o desapareço pela abordagem histórica.

Esta realidade espelha o que se passa no mundo da história da comunicação. Esta tem sido relegada para segundo plano no universo comunicacional e na investigação dos fenómenos comunicacionais. Para que tal tendência se inverta, cabe aos historiadores da área demonstrar a importância da disciplina, a relevância dos seus métodos de pesquisa e a vitalidade e o interesse da investigação em comunicação desde o prisma da história. Cabe a eles mostrar que conhecer o passado é uma forma de compreender o presente e até perspetivar o futuro e, acima de tudo, comprovar que só o conhecimento aprofundado da história permite identificar continuidades e ruturas, essenciais à compreensão das sociedades contemporâneas.

Tendo em conta a inexistência, em Portugal, de revistas científicas arbitradas dedicadas à história da comunicação e a quantidade crescente de investigadores agregados a este campo científico, o Grupo de Trabalho de História da Comunicação da Sopcom considerou ser de extrema importância a criação de uma. Nasceu, assim, a ideia da produção da *Revista Portuguesa de História da Comunicação* (RPHC), agora concretizada num número 0 (zero).

A RPHC funciona, então, sob a responsabilidade direta do GT de História da Comunicação da Sopcom e sob a responsabilidade indireta da direção da Sopcom. É uma revista arbitrada e o seu Conselho Editorial é composto pela editora, pela coordenação do GT de História da Comunicação e por especialistas portugueses e estrangeiros.

A revista procurará juntar periodicamente os historiadores da comunicação para, nas suas páginas, debaterem e defenderem a centralidade da história da comunicação no âmbito das Ciências da Comunicação e para acompanhar a investigação na área.

Este primeiro número, que será um número 0, será editado online e, posteriormente, em versão impressa. Funciona como uma espécie de apresentação à comunidade científica e é composto por artigos da autoria de membros do Conselho Editorial.

O primeiro artigo, "Apuntes históricos del *Diario de Noticias* de New Bedford (1927-1973)", de Alberto Pena-Rodríguez, dá destaque à imprensa portuguesa nos EUA, nomeadamente ao periódico *Diario de Noticias*, publicado em New Bedford (Massachusetts), durante quase meio século, pelas mãos dos emigrantes Guilherme Machado Luís e João Rodrigues Rocha. O estudo desta publicação permite compreender a diáspora portuguesa para a América do Norte, bem como o desenvolvimento empresarial, a estrutura de negócio e o discurso informativo do *Diario de Noticias*.

Aline Strelow e Nádia Alibio exploram a segunda metade do século XIX no sul do Brasil, no que à imprensa literária diz respeito. As autoras dedicam-se especificamente ao estudo do jornal *O Lábaro*, periódico positivista que circulou entre 1880 e 1881 em Porto Alegre, sob a égide do português Joaquim José de Azevedo Júnior. O artigo *O Lábaro: Um jornal literário positivista no Sul do Brasil* vai, assim, dar-nos conta do quotidiano de uma cidade, destacando os seus acontecimentos culturais e fazendo notar a presença da literatura sob as mais variadas formas.

Em *Carlos Castello Branco e a construção da Anistia no Brasil: a imposição do esquecimento*, Ana Regina Rêgo e Ranielle Leal procuram fazer-nos compreender, a partir do olhar e das narrativas do jornalista Carlos Castello Branco (Castellino) na sua *Coluna do Castello*, as negociações e imposições que tiveram como lugar espacial e temporal o conturbado contexto social e político da década de 1970, no qual se instala a Lei da Anistia no Brasil (publicada em 28 de agosto de 1979). Assumindo a consciência do protagonismo do processo comunicativo na construção discursiva do contexto histórico, as autoras concluem que a referida lei tem servido de proteção a criminosos que, sob a tutela do Estado, cometeram atrocidades contra a população brasileira. Assumem igualmente parece a amnistia e o esquecimento parecem andar de mãos dadas no Brasil, impedindo que a memória e a verdade sejam restauradas e que a justiça seja cumprida, permitindo que a negação da ditadura e de seus crimes venha à tona e se torne bandeira política na contemporaneidade.

Antonio Hohlfeldt apresenta o artigo *Os médias e o império português nos séculos XIX e XX* e nele propõe um paralelismo entre a história de Portugal, nomeadamente das suas colónias, e a história dos seus media, mostrando que, quando o país atingiu a maturidade para o pleno exercício da democracia e do próprio jornalismo, perdeu os rumos de sua história e iniciou o seu declínio.

O caso do Bispo do Porto na imprensa portuguesa (1958-1974): um episódio de resistência dos jornalistas durante o Marcelismo é a leitura que Carla Baptista e Cláudia Henriques sugerem. Neste artigo, as autoras analisam a cobertura jornalística que foi feita ao regresso do exílio de D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto entre 1952 e 1982, a partir da análise de documentação depositada nos arquivos Salazar, PIDE/DGS, Marcelo Caetano e Direcção Geral dos Serviços de Censura. Por conseguinte, procuram articular as dinâmicas de cobertura jornalística das diferentes fases do "caso Bispo do Porto", focando especialmente o noticiário produzido em 1969, com as transformações ocorridas no campo do jornalismo.

O artigo de Francisco Rui Cádima, *O (des)controlo da Internet: para uma história da Darknet*, faz-nos transitar para o século XXI e procura dar-nos uma imagem do que é a "Darknet" (segundo palavras de Cádima, um espaço sem regras nem lei, em que a navegação internáutica se torna uma imersão no desconhecido, ou mesmo uma aventura perigosa nas zonas mais obscuras da Internet), expondo simultaneamente os seus perigos e algumas das suas virtudes. O autor chama também a atenção para um dos efeitos que este "descontrolo" da Internet pode ter: a "ciberguerra" que está a assombrar o modo clássico de se gerirem as relações políticas e económicas no mundo global em que vivemos.

De Espanha chega até nós o artigo de Jaume Guillamet, *Crisis del periodismo y naturaleza de los medios: El final de un ciclo*, onde nos é oferecida uma análise ao fenómeno de mudança que se viveu/vive no jornalismo, fruto do efeito das tecnologias digitais e da Internet no sistema de meios de comunicação social, efeito este que já se faz sentir desde finais do século XX. Esta transformação, apelidada também de “fim de ciclo”, é observada pelo autor à luz da relação entre a crise do jornalismo e a natureza dos meios.

Guillamet completa a sua investigação com uma breve consideração, a título de exemplo da mudança de que fala, do caso do jornalismo na Catalunha.

Maria Inácia Rezola centra-se no período da Revolução Portuguesa do 25 de Abril para mostrar e analisar as mudanças ocorridas na Emissora Nacional (um dos palcos do início das operações militares da data) nos anos de 1974 e 1975 e mostrar como estas contribuíram para um conhecimento mais profundo deste período. Consciente de que a Revolução de Abril marcou um ponto de viragem no jornalismo e nos meios de comunicação social, a autora recorda que os diferentes medias da época foram alvos de variadas tentativas de controlo por parte de diferentes forças políticas e palco de violentas lutas que acabaram por contribuir para o agravamento da tensão política desses momentos. Por este motivo, Maria Inácia Rezola apelida os meios de comunicação de “atores políticos” e de “peça central do processo revolucionário”.

Em *As audiências como elemento de compreensão das tendências da rádio entre as décadas de 1940 e 1970*, Rogério Santos analisa os estudos de audiência sobre rádio durante três décadas (1940-1970) e dá conta de uma evolução que vai de pesquisas informais a inquéritos quantitativos. O autor refere que estes estudos, apesar de terem sido realizados durante o regime ditatorial e, conseqüentemente, com a opinião pública muito condicionada, foram muito importantes, nomeadamente para as agências de publicidade e produtos e serviços anunciados na rádio, mas também na emergente televisão.

Suzana Cavaco apresenta a investigação intitulada *Imprensa portuguesa em busca de um mercado luso-brasileiro (1825-1914)* e nela procura dar conta das oportunidades e constrangimentos que se colocavam a empresas jornalísticas que em Portugal pretendessem explorar o mercado luso-brasileiro, no período temporal que se seguiu ao reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Para tal, a autora procura compreender o fenómeno periodístico invocador do Brasil, alinhando-o no panorama da imprensa portuguesa em geral e enquadra o tema de estudo no contexto da emigração e no contexto das relações entre Portugal e o Brasil. Com este estudo, Suzana Cavaco visa contribuir para uma melhor compreensão da imprensa portuguesa, enquanto negócio sujeito a diversos constrangimentos, nomeadamente o reduzido mercado leitor.

O último artigo publicado neste número da vem assinado por Xosé Lopez, Ana Isabel Rodríguez Vázquez e Andrea Valencia-Bermúdez e tem por título *El Catón Compostelano: 217 anos de publicacións periódicas na Galiza*. Nele, os autores comunicam-nos a origem tardia do jornalismo na Galiza, cabendo a primazia de primeiro periódico ao *El Catón Compostelano*,

semanário dirigido por Francisco del Valle Inclán e publicado na cidade de Santiago, que é alvo de estudo nesta investigação.

São onze os artigos que compõem este número 0 (zero) da *Revista Portuguesa de História da Comunicação*. A sua qualidade é inegável, o interesse que despertam também e os momentos de boa leitura estão garantidos a quem dispensar uns momentos para “folhear” esta publicação.